

# AUTORES LIVROS

Ano III  
23/5/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10  
Núm. 17

## AS ESTÁTUAS -- João Ribeiro

A triste mania das estátuas!  
O talvez o mais desconhecido  
exercício que se pode fazer a  
memória de um homem.  
Não há uma escusa para a está-  
tua; e quando serve para mistar  
o espírito de um escultor fítnite  
ou desocupado.  
Para que mais?  
Presentemente, é um ultraje  
ao sentimento de modestia e po-  
breza daquela que sempre fue-  
ram do tumulto das ruas e das  
turmas.

Se se tratasse de perpetuar e  
comemorar o silêncio com um tiro  
de canhão, o paradoxo não seria  
nada de mais, desperado.

Quando se trata de fazer a  
memória não temos outro remédio  
para os vãos efeitos da imor-  
talidade.

De vez em quando, corre uma  
estátua; herma para fúto, poe-  
la astatel.

É preciso dinheiro, espécie de  
cassaca que se propina, no proce-  
dimento do novo morto... Que honra  
humilha!

Se a história de um poeta  
bom do Norte que foi rotulado  
de um nervoso haterer que tinha  
uma vida leve a quebra do deli-  
cioso da política.

Quem abrir impudeto, disse  
que não se quer? É preciso abrir  
a vida e a vida e a vida e a vida  
e a vida e a vida e a vida e a vida

Quem se abria mais em impu-  
dência.

Os mortos, pois que não falam,  
o carcerem dessa linguagem franquiza.

—o—  
Cahem perfeitamente nesta oca-  
são as palavras de Henrique Hei-  
ne!

"O pobre Lafontaine ganhou  
agora na sua cidade natal um  
monumento do custo de quarenta  
mil francos. Muito bem! Ao pobre  
diabo que muitas vezes não tinha  
pão alvo dão-lhe agora um enorme  
bloco de mármore branco".

Eis aí a eterna ironia das coisas.  
A menos que a estátua seja um  
arrendimento ou um remorso  
da sociedade, não lhe vejo ne-  
hum sentido moral.

Que a tenham os heróis da guer-  
ra ou da política, os patriotas, os  
banqueiros e os estadistas, em es-  
da canto de rua, nas praças ou nos  
jardins.

Mas, ao pobre poeta, ao sonha-  
dor e filósofo que a vida esmagou,  
apreção e recusa a pó, antes da  
putrefação do túmulo, a estátua  
é quase uma afronta do destino.

Fala-se, por exemplo, de uma  
nervosa a Lima Barreto. Combe-  
do, paupérrimo, desamparado,  
victorinha da vida da pobreza  
que de outra desordem moral ou  
física. Por isso mesmo foi um es-  
critor imperfeito, desolado, ne-  
gacionista, incapaz de entrar ao seu  
pópulo gélido.

Na vida que viveu, e era viver  
agudo, vester na vida, além da  
temperatura de uma vida, toda ob-  
serva da sociedade a quem serviu e que

o repella quase como se fora um  
língua.

Tudo conspira para que ele res-  
taivesse pela terra declive das deca-  
dências da vida.

Não alguma poderosa reparou-o  
no seu molço descomunal etc.

O triste definiu e desapareceu.  
E agora do silêncio amigo da ter-  
ra ou do livro, querem desenterrá-  
lo para o expor à irritação curiosa  
e sarcástica da praça pública —  
onde chorou lágrimas amargas de  
desesperação.

A sua vingança foi a ironia in-  
cruenta e inofensiva. Por que per-  
turbá-la?

Machado de Assis também anda  
nas subscrições populares (ela não  
pouco popular) para uma estátua  
condigna que, entretanto, me pa-  
rece inteiramente indigna.

—o—  
Ao contrário de Lima Barreto,  
era e foi Machado de Assis o tipo  
completo do "gentleman", e mais  
acabado espécime da decora e da  
polidez humana.

Era o mais piedoso, o mais ama-  
vel e probo de todos os ególatas.  
Amou intensamente; mas o amor  
não pouca de desinteressado.

Se não odiava, também não su-  
portava a multidão, nem o povo e  
ainda menos a plebe. Ninguém  
queria ser um anônimo do que  
ele o queria ser. A morte não  
achou muito que reduzir para o  
resumir a nada.

Quando se o grande brasileiro  
desapareceu da vida, o Duão do  
Rio Branco ordenou funerais es-  
plendidos proporcionados ao seu  
gêlio.

A multidão, porém, desatnava  
com essa pompa. A porta do Gar-  
nier, onde aparecem presumivel-  
mente pessoas, que achem ler, uma  
delas perguntou:

— Mas quem é esse Assis tão  
rico? Será o Assis das litorais?  
Estou certo que se pudesse re-  
ver um momento, o romancista  
saquearia a te posta:

— E, p, parece que o Assis  
da corte grande.  
("Jornal do Brasil" — 22-8-1926).

### AS FONTES DESTE NÚMERO DE "AUTORES E LIVROS"

Para a elaboração deste fascículo de "Autores e Livros", destinado ao estudo da figura e da obra de Lima Barreto, (o segundo que dedicamos ao autor das "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", tendo aparecido o primeiro em 18 de abril passado) tivemos o prazer de contar com virtuosos elementos.

Antonio Noronha Santos pôs à nossa disposição as preciosidades de seu arquivo — e entre estas a sua longa correspondência com o romancista, da qual extraí o trabalho que vai com o título de "Inéditos de Lima Barreto". Também nos cedeu os exemplares que possui das "Aventuras do Dr. Bogoloff", a cópia da carta de John G. Bran-ner a Capistrano de Abreu, em que há um julgamento sobre Lima Barreto, o "ex-libris" do romancista, feito por Correia Dias, e quantidade de artigos e de fotografias, documentos dos quais aproveitamos alguns, que são incluídos nestas páginas.

Eloy Pontes ofereceu — nos igualmente várias preciosidades de seu arquivo — como os quatro volumes de "Floresta", de dois dos quais damos aqui fotografias; o original de uma meditação filosófica do escritor, etc.

As duas cartas de Lima Barreto à Academia Brasileira pertencem ao arquivo do institui-  
ção.



LIMA BARRETO

## SUMÁRIO

PÁGINA 257:	PÁGINA 285:
— As estátuas, de João Ribeiro.	— Sobre Lima Barreto (dois artigos), de José Lima do Rego.
— Não gosto da gente rica (trecho de O Cedro de Teresópolis), de Lima Barreto.	— Lima Barreto num livro de John Casper Branner. Uma carta desse sobre a Capistrano de Abreu.
— As fontes deste número de Autores e Livros.	— Lima Barreto e a Academia Brasileira de Letras.
PÁGINA 258:	— Meditação de Lima Barreto por Paulo Mazzuchelli.
— Inéditos de Lima Barreto. (Excertos de sua correspondência com A. Noronha Santos).	PÁGINA 260:
— Ex-libris de Lima Barreto, por Correia Dias (gravura).	— Lima Barreto numa demarcação de João Luso.
PÁGINA 259:	— Outro trecho de Lima Barreto (também sem identificação de autor), gravura.
— Uma página de filosofia (Inédito), de Lima Barreto.	— Breve notícia, de Lima Barreto.
— Achevas para a bibliografia de Lima Barreto.	— Duas reminiscências da infância, de Lima Barreto.
PÁGINA 260:	PÁGINA 261:
— Algumas palavras sobre Lima Barreto (Prefácio à 3ª edição das Recordações do Escrivão Isaías Caminha), de Eloy Pontes.	— A pensão de D. Folcmina, de Lima Barreto.
PÁGINA 261:	— Página de rosto da terceira edição das Recordações de Escrivão Isaías Caminha.
— Uma simples nota, de Lima Barreto.	PÁGINA 268:
— Ponto de vista religioso (Trecho de Da minha cela), de Lima Barreto.	— Vida sem enredo, de D. Milano.
— A revista de Lima Barreto. (Fac-símile das capas dos números 1 e 4 de Floresta, a revista fundada e dirigida por Lima Barreto).	— Poema da Dávida, de Milton de Alencar Lima.
PÁGINA 262:	— Correspondência de escritores. Uma carta de Afonso Arinos aos seus pais.
— Dois artigos sobre Lima Barreto, de Antonio Noronha Santos.	— Dois poemas inéditos de Henriqueta Lisboa — Inocência. — Illegem.
— Página de rosto de Histórias e Sonhos, livro de contos de Lima Barreto.	PÁGINAS 262, 270, 271 e 272:
PÁGINA 263:	— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — 2ª série — Antologia da Prosa. IX — Alceu Amoroso Lima (Trilusão de Atahyde): — Alceu Amoroso Lima (nota biográfica, com um trecho de Jorge de Moraes).
— Correspondência de escritores. Duas cartas de Lima Barreto à Academia Brasileira de Letras (fac-símile de autógrafa).	— Algumas fontes sobre Alceu Amoroso Lima.
— Setros brasileiros, de Lima Barreto.	— Bibliografia de Alceu Amoroso Lima.
PÁGINA 264:	— Passou a hora das coisas bonitas.
— De um Diário íntimo de Lima Barreto.	— Poesia.
— Aventuras do Dr. Bogoloff, (página de rosto do fascículo primeiro dessa publicação).	— Intermisso da Casa Azul.
— O túmulo de Lima Barreto no cemitério de S. João Batista.	— Três grandes homens de bem (Trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira).

## MAU GOSTO DA GENTE RICA. (Trecho de "O Cedro de Teresópolis")

Lima Barreto

Não é que tenha dúvidas sobre a generosidade da nossa gente rica; o meu ceticismo não vem daí.  
A minha dúvida vem do seu mau gosto, do seu desinteresse pela natureza. Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não põe os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo com pomares, jardins, que os figurem grandes como a linda paisagem da maioria destas pedrinas.  
Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada tecem, quando muito, um jardinzinho ilibitiano de polegada e meia; e as de gente pobre não têm coisa alguma.

Andam, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.

Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jacaras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo mais e não sei há quantos anos não é como assada e untada de manteiga.

Não eram só essas árvores que a enchiam, mas muitas outras de frutas adorno, como as palmeiras soberbas, tudo isso envolvido por bambuzais sombrios e sussurrantes à brisa.

Onde estão os jasmiminos das cercas? Onde estão aqueles exóticos tapumes de maricás que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?

Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas cousas raras, destroços como recordações.

A rua Barão do Bom Retiro que vem do Engenho Novo a Vila Isabel dá a quem por ela passa uma amostra disso.

São restos de bambuzais, de jasmiminos que se enlaçavam pelas cercas em fora; são mangueiras isoladas, tristonhas, saudadas das companheiras de alameda que morreram ou foram mortas.

Não se diga que tudo isso desapareceu para dar lugar a habitações; não, não é verdade. Há trechos e trechos grandes de terra abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestígios das velhas chácaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela "casa" e que deve ser amos e refúgio para todos.

Que os pobres não possam exercer esse culto; que os médios não o possam também, vá lá! e compreende-se; mas os ricos? Qual o motivo?

Rios não amam a natureza; não temem por lhes faltar imediatamente o gosto por ela, a intuitiva para escolher belos sítios, onde ergueram as suas custosas residências, eles não falam no Rio.

Atiram-se em dois ou três arrabaldes que já foram lindos, não pelas edificações, e não só pelas suas disposições naturais, mas também, e muito, pelas grandes chácaras que nelas havia.

Batalhão está nesse caso, Laranjeiras, Tijuca e Gávea tam-  
bém.

(Bagatela)

# Inéditos de Lima Barreto

(Excertos de sua correspondência com A. Noronha Santos)

Antonio Noronha Santos foi talvez o amigo mais chegado de Lima Barreto. Redigiram juntos o *Floreal*, a revista que em sua primeira mocidade Lima Barreto fundou e dirigiu.

Desde então, quando um deles se ausentava, mantinham os dois amigos assídua e afetuosíssima correspondência.

Sabendo que *Antares e Livros* pretendia completar o estado que dedicara ao autor de *Isaias Caminha*, ao lhe oferecer um dos seus números, Antonio Noronha Santos teve a gentileza de extrair, das cartas e dos bilhetes que conserva de Lima Barreto, os trechos mais característicos. Formou, assim, uma espécie de *Diário*, alguma coisa deliciosa sempre e às vezes melancólica, em que a alma do escritor nitidamente se espelha.

N'esse trabalho que oferecemos ao leitor.

## NO "HIGH-LIFE"

27-7-08

... Foi ao "High-Life". Já sabes com quem... Com o Pausilippo. Duas vezes e seguidas. Tomei dois pifões. O segundo prolongou-se até às 6 horas da manhã.

Estávamos eu, o Guima, o Pausilippo, o Quakobek e dois mineiros, um coronel político e um negociante de gêneros do país. Este pagou, mas porque ele tirou no jogo o importe da conta. Passaram pela nossa mesa duas francesas a, no fim da noite, a Marietta Bicycleetta. Tu a conheces? Eu não a conheço e la falet em bicicleta.

Foi uma *gaffe*, e passou. Sai doído pela minha casa familiar. Começo a achar tudo isto idiota, besta, sem resultado e sem prazer.

Esses repórteres (não metes o Pausilippo aí), esses rufiões, mais ou menos disfarçados, já me enchem de nojo. Eu tenho mesmo nojo de mim mesmo que me meto com eles. Acho muito melhor a minha casa familiar do que essa farandoleta doída de porres, vagabundias e clubes de baccarat. Acho conveniência de que a sociedade está bem organizada.

## A PUBLICAÇÃO DO "ISAIAS CAMINHA"

3-4-09

... Até hoje, não recebi carta alguma do sr. Teixeira e não lhe escrevi também. A tua carta chegou-me aqui a 27 do mês p. p. Fizeste bem em lhe autorizar a imprimir o livro. Não tenho pretensão alguma de lucro com o *Caminha*. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa coisa de "make money" com livros. De certo, se eu estivesse aí, em Paris, havia de guardar bem escondida a pretensão de ter um castelo com o produto das minhas obras; mas aqui, dentro do Brasil e da língua portuguesa, as minhas pretensões são mais razoáveis. Não quero acabar como o Coelho Netto.

## UM SUBURBIO

... Tu não sabes onde fica Anchieta; é gleba de Sapopemba, na linha do centro. É como todos os nossos subúrbios, pobre e triste, desalentado seria melhor; sem cultura, sem jardins, sem casas gárgulas.

1909

... Enfim, isto aqui continua cômico e besta.

## MUSEU DE SAINT-GERMAIN

10 de junho de 1909

... Já foste a Saint-Germain, ao museu da Pré-história? Li há dias um artigo do Gaston Bousquet sobre ele. Deves ter e dizer-me que impressão tens diante dessas jóias de quase uma centena de milhões de anos que aí se encontram, dos artefatos, das palafitas, dos primeiros vasos dos primeiros europeus.

## JORNALS DE PARIS

... Não te esqueças de mandar jornais. Consolem-me, alegrem-me e dão-me esperança.

## UMA FUGIDA A JUIZ DE FORA

(24-9-10)

... Estou aqui em Juiz de Fora, desde quarta-feira. As 3 horas da madrugada. Resolvi isso subitamente. Estava amolado e tomei o noturno. Esperava encontrar um tio meu morando. Encontré-a, é verdade, mas num hotel. Sem passagem

de volta, com dinheiro reduzido, a princípio enche-me de susto, mas minha mania já me mandou um vale postal e eu estou mais descançado. Ando aqui metido numa companhia ambulante. Há nela resíduos de velhos hábitos da rua do Espírito Santo e uma ou outra vocação irresistível da roça. O meu tio é chefe da orquestra. A mulher dele faz as velhas, as caricatas, e uma filha, de 14 anos, toca flauta na orquestra. Como tu vês tenho colaterais artistas e Juizo que, apesar de se exhibirem num teatro de Juiz de Fora, merecem um pouco o meu orgulho. Não os julgo completamente ruins, isto é, todos os atores. Dão o seu recado, e às vezes bem. Longo de crítica-los, eu só quero ter paz com eles. O meu tio é um habilidoso. Pouco estudou música, mas compõe, orquestra — faz o diabo. Compôs música para uma peça do Belmiro Braga, conheces? e ele está entusiasmado. Conheci o Belmiro, fez-me muita festa, e disse-me que já me conhecia de nome. É um belo rapaz, inteligente, amável, mas ainda muito provinciano. Comprou meu livro e eu lhe fiz uma dedicatória. Levou-me ao Clube de Juiz de Fora e ao "Jornal do Comércio", que deu uma notícia da minha visita. O *Pharol* e o *Correio de Minas* também. Pouco conheço e ainda menos lido, estou aqui como Mr. Delahaye no Rio. Não te falo na cidade porque ela é pouco interessante. Sem ser feia, não é bonita, e faltam-lhe completamente aspectos, monumentos, edifícios. Há muitas fábricas, especialmente de calçados; poucas lojas de confecções e fantasias e ainda não vi, na rua, uma mulher de chapéu. Creio também que não há *damas cavalheiras*; ou, se as há, estão tão escondidas que eu ainda não as pude ver.

## PRAZER DESINTERESSADO

... Li que a... (?) ia casar-se. Eruelí. De certo, não por mim, mas pelos outros. Aqui nada há parecido com ela.

## LEITURAS

19 de Janeiro de 1911

... Quando estou muito aborrecido, mando o meu irmão comprar livros e devoro-os. Comprei 5 volumes do Maupassant, Taine, Ivete e outros; comprei o Oliveira Lima, D. João VI. É uma história laboriosa, minuciosa, em que falta nervo, pitoresco, sentimento do tempo, mais diplomática que outra coisa, embora se fale muito mal dos diplomatas. O Congresso de Verona, as intrigas do Rio da Praia e o famoso Palmela ocupam um grande lugar. Comprei também quatro volumes de histórias do Albert Malet, compêndios de Liceu, mas muito interessantes e profusamente ilustrados. Nestes dias em que tenho me metido em casa, aumentei a minha biblioteca de cerca de 30 volumes. O problema agora é comprar mais uma estante. O sujeito quer 14\$ e só estou disposto a dar 12. É uma outra cogitação.

## METAFORAS

15 Outubro 1911

Uma pequena frase:  
... um sorriso caninha paira nos lábios do mulhão (pg. 69).  
É de muito bom gosto a metáfora, não achas?

## A PUBLICAÇÃO DE "BOGOLOFF"

Rio, 19-9-12

Meu caro Santos

Escrevo-te aqui na Secretaria em cima de um aterrador livro de registro de "Avisos". Acaba de sair o meu "Boboloff" que encontrarás junto a esta. Apesar da mesquinhez do Reia não permitir um anúncio qualquer, espero que ele faça o seu caminho. Não tive, até agora, senão uma notícia nos jornais e foi na "A Época".  
O "Facho da Civilização", a "Violeta" ou o "Burridan", do Zevaco, são recebidos com melhores palavras, ou melhor: de outra forma. Espero que São Paulo me salve e permita ao Reia embrulhar-me de algum modo. O Victor, do "Correio da Noite" prometeu-me dar o retrato — e um anúncio em regra. Infelizmente o jornal dele é atualmente pouco lido.

É esta a minha sina; ser anunciado e escrever em jornais pouco lidos. Fiz a secretária inscrever-se e mesmo — nota bem, meu caro Santos — fui criticado pelo diretor — Achou pleonástica a expressão: livraria de livros usados. Não atianço que seja lá de bom alar, mas se não fizer, como o meu diretor que se apartou (*tegnel*) *livros de usados*, não haverá pleonasmos.

Espero que leias com prazer o "Boboloff" e perdoarás não ser ele perfeitamente o "Nick Carraway".

ter", que deu em dois anos, com contos no Pranzini.

Batu também o "Extra... Sinhárrí...". Só não vo mando, adivinharás porque.

*Mot de la fin*:  
Descobri aqui, na Secretaria, um "Gui de Michelin" e estou a estudar as cartas litográficas da França, para quando lá andar de automóvel. É possível. O Otto dizia que o Acaso não tem predições.

(Nota explicativa: o Reia, editor do "Boboloff", era um dos diretores do "O Rio", semanário mineiro, onde Lima Barreto deixara colaborações; o Victor, é Victor da Silveira; Pranzini, um pedreiro; Pranzini, é possivelmente diretor do "Fun-Fun", o Otto é o notável matemático Otto de Alencar, que Lima Barreto admirava profundamente).

## REVENDO O "GONZAGA DE SA"

18-4-14 (?)

... Não estou doente, mas sem roupa de lá para sair, pois a que tinha, a parte aproveitável não me mandou-a lavar e também fazer umas calças. Aproveitei a ocasião para rever o meu Gonzaga de Sá, que me foi encomendado pela gente do Marinho. Mando-te os originais, para que vejas se há alguma coisa digna de *soffister*. Leia-os de vapor.

Barcelo

— V. deve notar onde está Alfonso que eu quero contar.

B.

## EM OURO FINO

Em 10-6-16

Cá estou em Ouro Fino, Colônia Inconfidentes, desde quase 8 dias. O clima é bom, as áreas magníficas, mas tem menos grandes árvores e pássaros que nos arredores do Rio.

... Li um livro de um romancista mineiro — João Lucio — Pontes e Cia., que me pareceu maravilhoso.

Já passei de charrete com o médico que não se intimidou com o meu aspecto rebarbativo, não tanto o administrador. Já saiu a "Nuna"? Manda-me jornais de lá. Qualisquer. Aqui só cheira o "Estado", (de S. Paulo), é bom, mas não é das minhas águas.

Em 23-6-16

... A coisa aqui vai correndo bem, embora eu tivesse lido um acesso de nervos (coisa!) que obrigou o Alvino a recolher-me à Santa Casa da cidade, onde estou devendo uns cobres.

Estou dando cabo da biblioteca do Alvino. Biblioteca de anteo secretário de jornal, feita de ofertas de editores esquecidos. Quer dizer que leio Manoel Bomfim, Oliveira Lima, Gomez Cardia, Alberto Torres — autores que pouco lemos, mas que merecem ser lidos.

Esta cidade de Ouro Fino é curiosa.

Há uma dona de "conventilho" que tem até um automóvel e anda com as pensionistas pelas ruas antigas da severa cidade de Ouro Fino, em charrola. É conhecida por Fuzendrela. Posso te afirmar que nunca vi gente tão feia, mas faz aqui a delícia dos "viveurs" locais.

## PREPARANDO A "BRUZUNDANGA"

13-6-17

Vs. querem ou não vender o "Fun-Fun"? A goma já esteve tratada, mas o *turbilhão* impediu-me de concluir a transação.

Eu preciso "dele" para copiar certas coisas e encalxá-las no "Notas sobre a Bruzundanga", cuja original devo entregar ao Jacinto até ao fim deste mês.



EX-LIBRIS

Por

comunicado





A revista de Lima Barreto UMA SIMPLES NOTA -- LIMA BARRETO

FLOREAL

Publicação bi-mensal de critica e litteratura

DIRECTOR Lima Barreto

REDACÇÃO Rua Sete de Setembro, 89 1º Andar

Rio de Janeiro — Brazil — 1907



Floreal

ANNO I Num. 4

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL DE CRITICA E LITTERATURA

DIRECTOR Lima Barreto

REDACÇÃO RUA GENERAL CAMARA, 103

BRAZIL RIO DE JANEIRO 1907

Avulso: \$500

Capas dos números 1 e 4 (o primeiro e o último de "Floreal") a revista que Lima Barreto dirigiu em 1907. Salteava-se no Rio. Nada começaram a aparecer as "Recordações da Sardinha Instas Camará. (Os números de "Floreal" que usamos e dos quais não copiamos estes dois "clichés" foram-nos cedidos pelo sr. Eloi Pontes).

O "A.B.C.", em dias de mesmiceiro, de escravos fugidos, passado, tendo a bondade de fabricantes de atouros, na molheir o aparecimento de um volume meu, deu-se ao amavel trabalho de achar uma classificação para a minha vida; e lançou-me de um "enranchado" do romantismo, certamente por causa da boemia que ele me atribue.

Não me incomodo que me chamem de romantico, disse o daquilo; o que não gostaria e que me chamassem de ladrão, adulador e desleal.

E não diria nada, tanto mais que se trata de camaradas do "A. B. C.", se não fora ter de há muito notado que, das inúmeras, "idéias-folhas", com que os jornais são fabricados, uma delas é que a vida irregular de certos escritores e artistas, denominada ultimamente boemia — é uma sobrevivência do romantismo.

Se os autores e propagadores de semelhante afirmativa relessem e consultassem um simples dicionário biográfico, veriam que muito antes do romantismo havia boemia, e daí mais desregradas, às vezes nutidas, crininosas.

Villon, que toda a gente conhece, poeta francês, né à Paris, dit o pequeno Larousse, em 1311. Il mona une vie inquiète et risqua plusieurs fois la potence; auteur du Grand et du Petit Testament, m. vers. 1199.

Por as a indelicada revelação das coisas do "Laroussezinho", que as minhas anuvers contra- dei me provocaram a cometer, Villon meteo boca que lhe transcreva a primeira estrofe da sua singular, — "D'illade des dames du temps jadis":

Dix-neuf ou, n'en quel pays, Et flora, la belle Romaine? Archiprêtre, en Thais, que fut sa cour de romaine? Etc., parais quando bruyt sa maine From d'istire ou sa estua, Qui beante eut trop plus qu'un... Mais ou sont les neiges d'antan!

Pois, meus senhores, este grande poeta do XV século, classificado como verd. d'el. "gibber de potence", pelos seus contemporâneos, foi além de tudo aquilo que a atual boemia permite, na sua vida inquieta de vagabundo.

O romantismo appareceu um pouco mais tarde. Em França, creio eu, os historiadores literários merecem-lhe o aperecimento n. por 1829. Pelo menos, os jornais repetem e repitam cada assereão.

Antes mesmo de Villon, sem querer ir à Grécia, do sr. Coelho Neto ou outro qualquer, nós temos um bom espécime de boémio literário. É Juvenal, muito conhecido de todos nós, pelo menos de nome, não há quem não lhe tenha de cor o seu celebre verso (arr?) "Ridendo castigat mores". Viu-se sob Trajano e Adriano, e os principes sábios e com um forte sentimento para com os seus súditos, das responsabilidades de sua Investidura imperial. Trajano foi Cesar do Império Romano, do ano 98 ao 117, da nossa era; e Adriano, seu filho adoptivo, occupou o trono depois de sua morte, imperando até o ano 138 da era do nascimento de N. S. Jesus Cristo. Não tendo conseguido nada com a sua eloquência, o imortal antirico, chegado do seu vilar prelaciano, levou uma vida das mais misérvols e muito pouco edificante, que nos é contada por G. Boisier, no seu livro "L'Opposition sous les Césars".

Suportou, devido à sua miséria, o do-don dos cochinhos das grandes familias, de histórias e glaciadoras, repellido pelas grandes, viveu entre vagabundos e os sujeitos piores da Suburbia. Teve por companheiros os poetas famintos, professores sem alunos, etc., ao lado de tratantes, de mari-

o dr. Johnston, examinou-a, viu que tinha coisas boas, correu a um livreiro, e vendeu-o por 80 libras esterlinas.

Era o "Vigário de Wakefield", que toda a gente ainda lê, até nos outros brasileiros, alguns pedaços, no "Graduated" ou "Estrada Suave", quando estudamos inglês.

Está aí mais um boémio — Goldsmith — que não conheceu nem Hugo, nem Lamartine, nem Ma-seet, nem Murger.

Que diríamos então do velho Maquível que, hoje, nos parece um sujeito muito grave e assido, mas que, em vida, vivia a bebericar nas tavernas menos consagradas, de Florença? E de Rabelais, aquelle do celebre quarto de hora?

Os nossos autorizados sabedores de coisas literárias hão de concordar que, antes do romantismo, houve boemia artistica e litteraria; e que haverá depois, por motivos que a propria arte explica nas exigências que faz a certos temperamentos, caracteres, e intelligencias, quando atraídos por elas.

O que é difficil de explicar, apesar de ter existido, de existir e haver de existir, é litteratura local, cavadores do pro-prios, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos de um proxenetismo torpe, a grandes notabilidades munificentes, a custa do Estado.

E a escola litteraria que se tem na conta de pratica, mas que, infelizmente, não produz obras que nos ensinem agir com o seu espirito.

A litteratura e os litteratos devem tratar de outra coisa; e esse negocio de "prático" deve ser attribuição dos banqueiros, dos negociantes, dos margões da bolsa, dos despachantes da Alfândega e outras pessoas conspicuas e necessarias a sociedade, mas que, para exercer a sua digna função, não perdem tempo em alinhar palavras e invocar as musas. Vão logo direito a seu fim, que pode ser confessado a toda a gente, sem o minimo vexame.

Para findar, resumo o meu pensamento; todas as epochas litterarias tiveram os seus boémios, mesmo o romantismo. Por isso, convem não qualificar a boemia como sendo desta ou daquela. "A horrivel mania da corteza", de que fala Rénan, leva mais a enganar do que a dárvida sistemática. Quem quer acertar, deve duvidar antes, durante e depois. (Bagatelas)

PONTO DE VISTA RELIGIOSO -- (TRECHO DE "DA MINHA CELA")--Lima Barreto

Não é bem um convento, onde estou há quase um mês; mas tem alguma coisa de monástico, com o seu longo corredor silencioso, para onde dão as portas dos quartos dos enfermos.

É um pavilhão de Hospital, o Central do Exército; mas a minha enfermaria não tem o classico e esperado ar das enfermarias: um vasto salão com filas paralelas de leitos.

Ela é, como já fiz supor, dividida em quartos e occupa um dellos, claro, com uma janella sem um lindo horizonte como é tão comum no Rio de Janeiro.

O que elle me dá, é pobre e feio; e, além deste contratempo, suporto desde o clarear do dia até a boca da noite, o chiirreio de uns infames pardais. No mais, tudo é bom e excelente nesta sala de convento que não é todo feio, como poderia parecer a muitos, pois na extremidade do corredor há quadros de Santos que eu, pouco versado na iconographia catolica, não sei quanta sayem.

Além de seus registos devotos, no pavimento térreo, onde está o refeitório, há uma imagem de Nossa Senhora que preside as nossas refeições; e, afinal, para de todo quebrar-lhe a feição feia, há a presença das irmãs de S. Vicente de Paula. Admir' muita transtulheza da pele das irmãs moças; é um branco pouco humano.

A minha educação critica, voltterana, nunca me permitiu um contacto mais continuo com religiosos de qualquer espécie. Eu, menino, logo após a morte de minha mãe, houve uma sephora ideia, D. Clemência, que assessorava a mim e a meus irmãos, e ensinou-me um pouco de catecismo, o "Padre Nosso", a "Ave Maria" e a "Salve Rainha", mas, bem depressa nos deixou e eu não sabia mais nada dessas obrigações piedosas, ao fim de alguns meses.

Tenho sido padrinho de batismo umas poucas de vezes, e, quando o sacerdote, na celebração do ato, quer que eu rezar, etc tem que me dillar a oração. (Bagatelas)

# Dois artigos sobre Lima Barreto -- Antonio Noronha Santos

## O ANEDOTARIO

Anunciava-se que seria lançada em breve por uma casa editora paulista, uma edição — a primeira — das obras completas de Lima Barreto. Não se trata de uma reparaçao. Apesar do prognóstico de Silveira Bueno em suas Páginas Floridas, — Silveira Bueno é o tal que dia que Machado de Assis escrevia mal — Lima Barreto continua a ser procurado, lido e admirado. A dificuldade está em encontrar as suas obras. Até a "Brasundanga" que o Freitas Bastos oferecia há poucas semanas a preço de saldo, já está esgotada. É a primeira edição do "Isaías Caminho" revisada é que está incorporada ao estoque da Livraria Clássica e Literária de Lisboa. Milhares de volumes foram mandados para cá pelo bom Teixeira, grande editor e homem inteligente.

Por aí se vê que a edição projetada era uma necessidade. Vã tentativa a Mol Foneles. Colecção de livros enfeitados, mas sempre cheio de tucos e de flocos, destruidor de legendas, como Edmond Rostand, mas sempre honesto. Filiz Fontes sem dúvida o rieta man para essa apresentação, que ao fim de vinte anos — Lima Barreto morreu em 21 — se torna imprescindível para uma apreciação exata do homem e do escritor.

Amigo de Lima, que me pediu o seu primeiro livro, deseja recuperar nossa obra de ficção literária que se arrebata. E o que faz, modesta, muito modestamente, respeitando a memória algumas brevidades (que não dizer algumas coisas?) do real muito.

As vão elas:

**PSIQUIATRAS**  
No Lamas, uns jovens prinquinhos, antes de embarcarem no bote da Praia Vermelha, que os levará ao seu destino, tomaram o último trago.

— Você notou? observa Lima Barreto. Eles vivem que o álcool povoa os hospícios.

E pesar disso, todos bebem...

**CRITICA LITERARIA**  
Lima Barreto pouco se man-

festava sobre os escritores seus contemporâneos... Contentava-se com uma ou outra alfinetada. Assim dizia de Theo Filho: — O Theo Filho fez monopólio de Mirbeau. De Miguel Melo, que deu um ensaio interessante sobre Eça de Queiroz, mas era destituído do menor brilho estilístico: — O Miguel Melo escreve a lápis.

De "Jesus", de Goulart de Andrade, uma espécie de "Mártir do Calvário" para gente linda; — É um drama decente. E não se consegue arrancar-lhe outro adjetivo...

Silvio Romero morrera, e não deixara bens de fortuna. Comentava-se numa roda esta situação, e o Lima, então fez notar:

— O pior é que nem a sua biblioteca podem vender. Esta tudo gasta...

Haverá crítica mais fina dos dois grossos tomos da "História da Literatura Brasileira"?

**DESENHOS DE LOUCOS**  
Polcheando um dia uma publicação fartamente ilustrada sobre a arte dos loucos, o Lima declarou:

— V. sabe a impressão que isso me dá? A de desenhos de gente que não sabe desenharr.

**O INVENTOR**  
Lima Barreto fuz, certa vez algumas restrições ao "Albatroz", de Oscar Lopes. Nessa peça, procurara o Oscar focalizar o drama do inventor. Lencio a critica, procurou, como era natural, defender o seu trabalho. Replicando, o Lima saiu-se com esta observação, que abafou o padre Oscar:

— V. deve saber, meu caro amigo, que no Brasil o inventor não é dramático; é cómico...

**BIBLIOGRAFIA**  
Os estudos e notas que conheço sobre a bio-bibliografia de Lima Barreto, omitem todos duas brochuras, publicadas não sei mais com que pseudônimo, e intituladas: "O Chambo" e "Entra subarr...". Na primeira, o protogenista, graças ao "clamoroso" que possui, atrai todas as criaturas que se lhe aproximam, e faz

desse modo incrível conquistas. Da segunda, tenho vaga lembrança. Mas, pelo título, de presumir que não pudesse ser resumida, nem mesmo em latim.

Ao oferecer a um amigo essas pequenas devaneios escritos para o librário, como dizem os franceses, isto é, para ganhar dinheiro, o Lima explicou, com meio sorriso:

— O meu primeiro ensaio de literatura realista...

**E' A BURRICE...**  
A "Cureia" publicado sobre o Lima Barreto uma crônica muito interessante, logo depois de sua morte. O autor (Peregrino Junior?) conta que certa vez lembrou-se o Lima a deixar de beber, ou pelo menos, a beber menos. E argumentava:

— Vê, assim, acaba não produzindo mais, e se prejudicará, como tantos outros.

— Qual, interrompeu o Lima, o que prejudica a nossos literatos não é a cachaca, é a burrice...

("Diário da Manhã", de Niterói, 9-10-1942.)

**A LEGENDA**  
Não se pode razoavelmente existir de um crítico, mesmo que nele sobrem os dons de amplitud que estabelecer o primeiro contacto entre dois espíritos, por mais dissemelhantes que sejam, o estudo de qualquer escritor desaparecido.

"Tal que em Jul-mesmo enfia eternidade the change".

A critica, tanto como a poesia e o romance, tem os seus ciclos. Mas, por outro lado, é difícil admitir, sem protesto, que se pretende substituir ao critério verdadeiro a caricatura que detrai, aos múltiplos traços de uma figura marcante, a simplificação aprazada de uma legenda grosseira.

E' o que se está fazendo com Lima Barreto, e foi bom que o sr. Osório Borba se insurgisse há dias contra essa encurruada de anedotas cretinas — e falsas! — que aos poucos vão desfigurando a verdadeira fisionomia do grande romancista mulato. Ajude claramente o sr. Osório Borba a uma edição de Luis Edmundo, embora não lhe cite o nome. Não li essa crônica, nem sei onde foi publicada. Mas, pelo "Rio de Janeiro do meu tempo", já li o percebido nele e mais grave de todos os efeitos para um memorialista: baralha tudo, falta-lhe a visão cronológica das épocas relembradas. Em uma palavra, não tem memória!

Não se revestiria contudo de importância maior essa tração voluntária ou não, ainda que de lastimar por partir quem se sempre de antigos companheiros, se não estivesse infundando as novas gerações, que não conhecem Lima Barreto, e nos estão dando de estraves de tais informações, malévolas ou levianas, uma representação mentirosa.

Uma consequência dessa infâmica maligna, temo-la na "História da Literatura Brasileira", do sr. Nelson Werneck Sodré. Trata-se indubitavelmente de um livro de boa fé. Afirma o sr. Werneck Sodré que em Lima Barreto temos um grande romancista.

Não bastará essa primeira, conferida ao autor do "Isaías Caminho" para afastar a suspeita de qualquer lobato depreciativo na representação que nos fez o sr. Werneck Sodré do grande romancista, como ele próprio o classifica? Sem dúvida. Mas o anedotário a que aludimos acima produziu o seu efeito. O Lima Barreto do senhor Werneck Sodré é sen-tir nem por, um varumbado, uma criatura despenhada e atecerto ponto de-povível. Cite-nos os trechos e anedotas dessa fantasmagoria, chocante para todos quantos privaram com Lima Barreto, e não o conhe-

cem somente por pilhérias chulas de boteguim.

"Lima Barreto representa, na nossa vida literária, o filho desprezado... o paria. De origem humilde, pobre e desconhecido... ele não conheceria em vida a fama e a fortuna. Talvez nem mesmo tenha sonhado com elas.

...Seria sempre o isolado, o esquecido, o desprezado... Não teve amigos verdadeiros, não teve leitores numerosos, não teve imprensa que o louvasse... Quando morreu, sepultaram-no no cemitério suburbano de Inhauma, perto do qual residia.

Pobre diabo da literatura, mendigo das letras, paria da imprensa...

... A sociedade anônima das letras nacionais não o aceitou... O que escreveu no seu tempo fugiram ignorado. E' necessário entretanto... que se saiba que o Brasil produziu um grande romancista. Um pobre diabo de nome vulgar: Afonso de Lima Barreto."

E assim se forma uma legenda! Notamos preliminarmente que os dois únicos fatos materiais mencionados pelo senhor Werneck Sodré estão errados. Lima Barreto não tinha um nome vulgar, muito ao contrário. Chamava-se Afonso Henriques de Lima Barreto, o que deu motivo a que um veterano no assistir ao ato de sua inscrição na Escola Politécnica, fizesse essa observação injuriosa: Vejam só! Um mulato ter a audácia de usar o nome de um rei de Portugal! Também não foi enterrado no cemitério de Inhauma, mas no de S. João Batista, e teve um acompanhamento extraordinário à Walt Whitman, onde se confundiram admiradores e amigos seus. De todas as classes sociais. Valem esses reparos apenas para mostrar como é falha a documentação do crítico. Vejamos o resto, que é, afinal, o que importa:

**Pobre diabo da literatura,** porque? Pelo fato de ter reatado de preferência tipos suburbanos, ambientes suburbanos. Mas também fixou a vida de jornal "Isaías Caminho" de maneira inquestionável e como ainda não fora feito entre nós, a burguesia rica, no Policarpo e em Numa e em Ninfa; a vida política, nesse último romance, deputados, ministros, gente fina, nos seus contos (H. Lóras e sonhos).

**Mendigo das letras,** porque era desamplado, e na fase de decadência andava sujo? Mas tinha emprego, e morreu como funcionário aposentado da Secretaria da Guerra. Porque, nos últimos tempos, tera para "morrer"? Que diabinos entendo de um Ernilio de Menezes, e de tantos outros, que passaram a vida "aspirando" diabinho de conhecimentos e até mesmo de desconhecidos?

**Para a imprensa?** E' fato que os escritores contemporâneos de Lima Barreto, na sua maioria, fugiram ignorado. Mas não seria a culpa desse retiro devido em parte ao próprio Lima? A verdade é que ele nunca aceitou as regras do jogo social. A imprensa não se lhe fecho, como afirma o sr. W. Sodré. Ele é que não procurou a grande imprensa. Isso entretanto não significa que houve se encontrado por parte de uma hostilidade sistemática. Medeiros e Albuquerque, e o mesmo de Isaías Caminho, deu o seu autor, novato nas letras, o título de romancista feito. Oliveira Lima disse do Policarpo Quaresma, pelas colunas do "Estado de S. Paulo", que era o noivo D. Quixote. O que fez o Lima, com um sorriso, comentar: — E' para abortecer o Graça Aranha...!

Alis o Policarpo foi publica-

do por Felix Pacheco na edição vespertina do "Jornal do Comércio" e poucos anos depois, Irineu Marinho deu na "A Noite", precedido de um vaio reclame. Numa e a Ninfa, sátira política e estudo de costumes. Monteiro Lobato pediu a sua colaboração para a "Revista do Brasil". — Estou farto de medalhões, dizia numa carta que tive sob os olhos. E para dar maior força ao pedido, editou, pagando-o, o primeiro livro de Lima Barreto — a Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, que fazia esquecido numa gaveta. Que patra da imprensa é esse?

Não teve amigos verdadeiros? Teve os amigos, que quis, e o que importa muito mais, admiradores espontâneos como o general "so Freixo" de espírito finíssimo. Recordando a famosa pergunta de La Fontaine:

— Avez-vous lu B. Rich? apresentava os amigos com livros do Lima, para que não continuassem a ignorar a obra de tão saboroso e criador. João Ribeiro pelas colunas do "Imparcial", lamentou que a vida bofala que levava, o impedisse de ingressar na Academia, esquecido de que a Academia de Richeieu acolhera S. A. J. A. Amant e outros bebedores ilustres.

Não sonhou com a glória? Sonhou, mas com uma glória muito alta, sonhou com o prêmio Nobel...

Creio que não é demasiado deduzir do que acima ficou dito, que o sr. N. Werneck Sodré traçou de Lima Barreto um perfil fantasista, inventado da primeira à última linha, embora em alguns pontos a sua rápida apreciação se possa ajustar, ainda que impetuosamente, não ao Lima Barreto, cuja obra vai do Gonzaga de Sá a Histórias e Sonhos, mas ao diplomado dos últimos anos. Esse, contudo, é convenientemente fixado, de uma vez, não foi desprezado por seus amigos; foi ele que os abandonou, conduzido pelo álcool até um mundo imaginário, onde a palavra amizade não tinha mais sentido. E quem se lembrara da sua dolorosa decadência compreenderá seu esforço como surgiu o legenda, com aquela estúpida anedota do Para que tanto pão, e outras histórias de bebado, igualmente suspeitas.

Houve dois Lima Barreto, ob erva muito justamente Osório Borba ("A História e os Boteguins", in "Diário de Notícias", 15-4-43). Porque insistir nessas "anedotas de gosto discutiavel", em vez de estudar "o magnífico romancista da cidade, o honesto e bravo intérprete dos sentimentos e angústias do seu povo?"

**Pobre diabo da literatura,** mendigo das letras, para da imprensa? Será... Mas foi esse pobre diabo, esse mendigo, esse paria que me fez ler a Civilização da Itália durante a Renascença, de Burckhardt, fazendo-me notar com o seu aguilhão senso crítico que não se tratava de uma obra pto. Lera todo o Tabe, Renan, adiminava profundamente Guy de Maupassant e as "Memórias Impremou-me as "Memórias de Mme. d'Ep'ny", o cardinal de Retz, que sei mais? Morreu em casa, estendido num divã, onde estivera folheando um número antigo da "Revista dos Dois Mundos". A irmã foi despartida para lhe dar o "Lanch", e viu que ele estava morto.

Morreu em casa, lendo a "Revista dos Dois Mundos". Não seria mais característico — e es epifânico, na sua simplicidade, o que a legenda que lhe queriam preparar, como um sabo de papel?

("Diário da Manhã", de 1-5-44.)

## LIMA BARRETO

# Historias e Sonhos

## CONTOS

«Amplius! Amplius!»  
Sim; sempre mais longe!

SIANLORENZO SCHEITING  
LIVRARIA EDITORA  
- 18, RUA SACHERT, 18 -  
RIO DE JANEIRO

Página de rosto de "Historias e Sonhos", livro de contos de Lima Barreto.

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES  
Cartas de Lima Barreto à Academia Brasileira de Letras

SESTROS BRASILEIROS -- LIMA BARRETO

Rio de Janeiro, 1 de Julho de 1921  
Sr. Sr. Presidente e demais membros  
da Academia de Letras.

Saudações.  
Lima Barreto, cujo nome  
está no livro "Histórias de  
Lima Barreto no Brasil",  
se julga no direito de  
se apresentar candidato  
para seu posto na  
Academia, por morte  
do illustre consorte Sr.  
Barreto.

De V. Exa. em nome e de  
Lima Barreto  
Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1921  
Sr. Sr. Presidente e demais membros  
da Academia Brasileira de Letras

Saudações.  
Lima Barreto, cujo nome  
está no livro "Histórias de  
Lima Barreto no Brasil",  
se julga no direito de  
se apresentar candidato  
para seu posto na  
Academia, por morte  
do illustre consorte Sr.  
Barreto.  
De V. Exa. em nome e de  
Lima Barreto.

Houve há anos, aqui, no Rio de Janeiro, uma revista semanal, no gênero *Caras e Caretas*, de Linhas Altas cujo redator-chefe era o insubstituível literário era Rafael Pinheiro. O meu amigo Rafael, e camarada dos bons tempos do Café Papagaio, sempre teve da vida uma coisa: o pouco muito seria que, para caracterizá-la pitorescamente e de modo fácil de logo ser apreciada, eu a classifiquei de *João do Bicho*. Ele a cercou por todos os lados. Médico, orador, jornalista, político, burocrata, colador. — Rafael jogou nela, na vida, pelo antigo, moderno, rio, salgado, Guarânia, etc., etc.

Nos meados de 1905, Rafael era diretor intelectual e literário do magazine *Figuras e Figuras*; e, em agosto, no dia 2, publicava com a sua assinatura, na citada revista, uma notícia em reportagem aliterada, descrevendo uma excursão com o maestro Puccini, que passara pelo Rio, de volta a uma visita-reclame à República Argentina.

Foram ao Jardim Botânico que, naquele tempo, ainda estava na moda. Agora vou dar a palavra ao Rafael transcrevendo o resumo da sua crônica há cerca de quatorze anos.

"Volvémosos, Inquirimos do que nos dá o impressionaria depois da 'festa' noturna. — 'I niri' (os negros). De fato, uma fatalidade remonta na rua dos Voluntários, de todos os lados, de todos os feitios, uma centena de negros, preparados emigração para os braços que por ali transitavam. Negros tinham conosco no bote, negros nra ele no negro trabalhavam na munda do Largo do Machado. Um mal estar nos entristeceu quando uma crioula, toda de um lado, passou por nós à rua Marques de Azevedo. — Negro colado e negro, um negro é a vera — celeste Adão..."

Uma gargalhada sacudia a caravana, ao ouvir esta frase de Puccini.

E nós também... rimos, um tanto dolorosamente.

Há muita coisa de que me rio, mas o que menos podia fazê-lo, era a bobagem puccinesca. Merco que se rissem todos os outros com uma banalidade dita por um homem da moda, admito que o fizessem delicadamente, mas dolorosamente por que?

Os companheiros de Rafael podiam fazê-lo; mas Rafael, um sociólogo prático, político, homem da multidão brasileira, sabia perfeitamente que, durante muitos anos, entraram milhões de negros no Brasil, vindos à força da África, e que não eram absolutamente estrangeiros. O seu sólido saber histórico, particularmente no que toca ao Brasil, não podia achar graça dolorosa numa tolice de um superficial maestro italiano, cuja fama já Rafael Pinheiro está vendo morrer. Ora, o Rafael! Quem o diria?

Al. etc. sem o querer, obedeci a um dos sestros brasileiros; mas há outros. A senhora Gima Barreto acompanhou seu marido, o eminente Guglielmo Ferrero, na excursão deste a América do Sul. Estiveram no Brasil e ela escreveu, após a viagem, sobre as coisas tocantes e amáveis; mas, em um dado lugar, disse que o bicho de pé era para os colonos italianos recém-vindas, uma praga, um flagelo. Para que foi dizer isso? Petrópolis, Botafogo, Laranjeiras e os sujeitos da Avenida mobilizaram as suas hostes patrióticas e calaram em cima da moça, com a sua artilharia peculiar de tolices e asneiras.

Eu sabia perfeitamente que não devia haver exagero nisso, porque, "de visu", aqui, nos arredores do Rio de Janeiro, em momento, vi os perigos que o bicho de pé trazia à vida de

personas já muito acclimatadas ou naturais do país; mas, naturalmente tempo estava arrojado. Meu pai me contava, e ainda confirma, que um filho do sr. dr. Teixeira Brandão, hoje deputado federal e há anos diretor dele, perdeu a vida nas proximidades do Rio de Janeiro, por causa de um bicho de pé. Ainda mala. Quando estive em Ouro Fino, na casa do meu generoso amigo Emílio Alvim, na colônia "Inconfidente", que fica nas proximidades daquela cidadada do sul de Minas, contaram-me que uma senhora alemã morrera, devido a um bicho de pé.

Daqui e dali, desta ou daquela forma, pode qualquer observador registrar notícias de coisas iguais e é fácil de imaginar como semelhante pulga ou lá o que for, pode ser um flagelo sério para emigrantes ainda por adaptar-se à nossa roça e completamente ignorantes da existência de tal bichinho, a ponto de não saber tirá-lo com os cuidados especiais conhecidos familiarmente pelos naturais da terra.

Mas o Brasil não pode ter essas coisas; e, tá-las, é uma vergonha, para Petrópolis, Botafogo, Laranjeiras e para as calçadas da Avenida, por isso decreta-se a sua não existência em um berreiro hipocritamente patriótico pelos jornais.

O estimável "Rio Jornal", a que sou muito agradecido, em 17 do mês passado, saiu lugenamente numa dessas infundadas manifestações de suscetibilidade nacional. Ele, ou alguém por ele, abriu o "Resumo da História de América", por Nicolás Estévanez, leu um trecho e deu um cavaco patriótico de todos os diabos. Este livro é muito conhecido entre nós, não só pelos sr. Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Pedro do Couto, Escrivão Dorla, como também por outros menores, inclusive eu, que até o tenho.

Nunca o trecho que o "Rio Jornal" cita tirou, não direi a mim, mas os outros que o leram.

Damos a palavra ao galante venezolano. Ele viu falar: "Li, ao historiador a revolução pernambucana de 1817, de nomeira os brasileiros, como aida já tinha feito em outras partes do trabalho, de 'los crioulos'."

O trecho é o seguinte: "En el Brasil había muy pocos republicanos antes de la llegada de la corte, pero cuando 'los crioulos' vieron de cerca, una familia real y conocieron los esplendores de la monarquía, no fueron pocos los que se sintieron inclinados a la democracia, a la república y al separatismo!!!"

Deixando de parte a tal história de divagar, peço licença para lembrar ao simpático petrólico que o "los crioulos" de Estévanez é o nosso "os crioulos" português, que quer dizer, conforme o modesto dicionário de Francisco de Almeida, o único à mão, pessoa de raça branca, nascida nas colônias europeias do ultramar, especialmente da América.

Josefine, a primeira mulher de Napoleão, que foi imperatriz, é chamada pela historiadora francesa — crioula (creole), — porque nasceu na Martinica, de pais franceses.

Nunca na França ninguém se zangou e disse que por isso se havia diminuído a poderosa amiga de Barras.

No Brasil, no nosso falar, ao que parece, é que se ampliou essa qualificação aos negros, nascidos de pais africanos; e depois, só se veio a aplicar a denominação a eles unicamente.

Ir por aí, porém, seria fazer rir, um tanto doeramente, o velho amigo Rafael Pinheiro; e não quero pô-lo de má humores...

Essa sestros e outros mais idiotias ainda, é que devemos combater, abandoná-los e acalhar, com toda a coragem e decisão, sem falsas vergonhas que levam à mentira cínica, a nossa terra e a nossa história como de fato elas são e o tempo, os homens e a natureza as fizeram.

(Bagatelas).

Das cartas de Lima Barreto. Em 1921, por morte de João do Rio, foi Lima Barreto candidato à Academia Brasileira de Letras. As duas cartas acima referem-se a esse episódio da vida do romancista. Na primeira apresenta-se a sua candidatura; na segunda, retirou-a.

ACHEGAS PARA A BIBLIOGRAFIA DE LIMA BARRETO

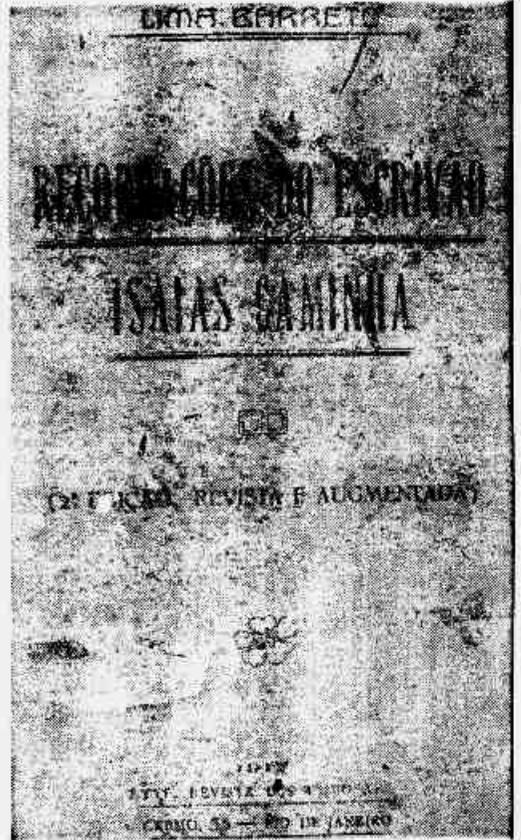
(Continuação da pág. 252)  
Entre essas várias colaborações, convirá por no devido destaque as seguintes:  
— a do "Floreal", revista de que Lima Barreto foi fundador e diretor; ali, ele iniciou a primeira publicação das "Recordações do Escrivão Inácio Caminha";  
— a do "Correio da Noite", ali foram publicados, numa colaboração assídua e longa, muitos dos artigos que mais tarde iriam formar o volume de "Bagatelas" e o de "Os Bruzundangas";  
— a do "Jornal do Comércio" (edição da tarde); ali foi publicado o "Triste Fim de Policarpo Quaresma";  
— a da "A Noite"; ali foi publicado o romance "Numa e a Ninfa";  
— a da "Revista 'Souza Cruz'"; ali foi publicada a novela "Clara dos Anjos", que não foi ainda, que nos consta, editada em livro.

"A Revista do Brasil" (fase de Monteiro Lobato) publicou vários trabalhos de Lima Barreto, e notadamente, em vários números (de 1919), e a novela "Mágo que raia".

O "Mundo Literário", publicação que saiu nesta cidade desde 1923, e que teve como diretores os Srs. Pereira da Silva e Téo-Filho, e como redator-chefe o Sr. Agripino Grieco, publicou algumas páginas inéditas de Lima Barreto, e notadamente os trechos excelentes de um "Diário", que vão adiante reproduzidos.

Al estão simples informações, modestas; achegas, para a bibliografia de Lima Barreto. Está ela, porém, muito longe de ficar completa. Quando a tivermos perfeita?

M. L.



Página do título da segunda edição das "Recordações de Inácio Caminha" (1917).

# DE UM "DIÁRIO ÍNTIMO" DE LIMA BARRETO

1.º de janeiro de 1905.  
 Hoje, da 1.ª de ano bom, levantarei-me, como habitualmente, às 7 e metia para as 8 horas. Fui a única ablução do meu assoio, tomei café, fumei um cigarro e li os jornais. Acabando de lê-los, arrumei o quarto. Preocupado aqui, ali, alguns retratos e figuras. Ele tomou um aspecto mais sorrido. Há de mistura com caricaturas do "Le Rire" e do "Simplicissimus", retratos de artistas e gravuras.

Não faz mal. Nesse aspecto bastante terá o aspecto da vida cu da letra "A" do dicionário Gregário que tras Alexandre Heróli de alto coturno e um Antonio qualquer, célebre por ter inventado certa palavra.

Como a casa me aborrecel não unicamente pela tristíssima criminalidade de meu pai, mas por ela em si, com quem nunca me acomodei. Resolvi dar uma volta. Demorando-se o tempo na Estação de Todos-os-Santos, fui tomá-lo na de Engenheiro de Dentro. O trem, banal como sempre.

Muito-me de uma ida-e-volta para o Leme e, no eléctrico, rolei linha adiante até o meu destino. A viagem até o largo do Machado foi banal e corriqueira. No banco, em frente a mim, iam dois burguezes desses respeitáveis, passados dos 50 anos e ainda em santa paz conjugal.

O homem era dos vulgares em sua classe. A mulher tinha características fisionômicas. Uma penugem ruia crescia-lhe do cabelo até o pescoço fazendo supor que, como um debrum sinéctico, fosse pelo lado de trás e pelas pernas até os pés.

A cintura quase lhe ficava no pescoço e os seios empilhados dentro de uma blusa cor de rosa de seda acabavam o seu todo protuberante.

Na via Marquês de Abrantes embarcou C. P. e outras. Nada de notável, a não ser a vulgaridade.

Pleio Leme. O dia e melgo. O sol, era espreitando através das nuvens, ora todo aberto, ora encoberto. Nos dois abarrocamentos cheios de gente empacotavam garrafas de cerveja que se abriam.

A praia se estende graduada, harmônica, desde o monte do Leme à Iguetinha. A ponta recua curva para a esquerda e cauda de um peixe que se abraça num "sentença". Por detrás, a lombada dos morros de verde esmeralda, verde garrafa, verde-mar variando de cambiante aqui, ali, consoante as dobras do terreno e a incidência da luz, pintalga e azulado opalino do dia. O mar surge suavemente. As ondas verde-claro rebentam antes da praia em franjas de espuma. Pelo ar havia mazel e blandícias sussurrantes no vento.

A praia que há é a mesma dos romancistas. É a gente simpática que, enclausurada em casa uma semana, um mês, um ano — quem sabe? — re-



Lima Barreto, numa caricatura anónima publicada na imprensa carioca, ainda em vida do escritor.

folega naquele dia ao ar livre. Foi ao bastião do Leme. Na concavidade que há ali, fixaram um bastião poligonal a terminar nas duas asas da curva. Um velho canhão de ferro, com as guinas, repousa indolentemente num dos ângulos; é como um funcionário aposentado.

Na volta, o apóstolo T. tomou o bonde na altura de São João Batista. Adiante conversava com umas senhoras elegantemente vestidas. Falaram de coisas familiares.

Na praia de Botafogo e senhora mais velha, olhando as russas, disse:

— Vamos ter um Rio de Janeiro bonito?

— Parece... O pior é que as cabeças não andam direito, disse o apóstolo.

O apóstolo fala como se fizesse há 20 mil anos. Sedigo. Puh!

Paguei duas vezes a passagem (do Cemitério no largo do Machado e até à Glória). Em nenhuma delas recebi coupon. Singular! Não atino porque. Talvez seja um modo especial de ser altruísta; permitindo que o condutor furtivo. Puro anarquismo!

3 de janeiro de 1905.

Eram vulgares nos subúrbios os clubes dramáticos. Em Cascadura havia quatro; no Rio-Chuelo um; no Méier três e um em Todos-os-Santos.

Tinham títulos singulares. Um era: "Cassino do Méier", outro: "Clube Dramático Esperança".

Em geral, eram sordidos, baixos, um simples barracão coberto com telhas de zinco e um girau que era o palco. As mulheres se vestiam quase à vista dos homens. Mensalmente davam réditas. As amadoras, além de lhes faltar beleza, porte, gramática, não tinham voz, graça e jeito. Os rapazes ainda piores. Os papéis dramáticos ou trágicos, fartos de ênfase, tornavam-se ridículos. Uma vez, no Esperança, quando um deles levantava a espádua culposa, a platéia caiu na gargalhada. Quando em papéis cómicos, caíam na palhaçada. Traduzia perfeitamente o fundo idóteo, instético da nossa gente. As penas, pavorosas sensaborias, veias e sem mérito, cortadas aqui, ali, surgiam à ribalta representadas por tais atores como verdadeiras pantomimas.

Findo o espetáculo, qualquer dos sócios religia uma notícia bombástica e levava a um amigo de um jornal que a publicava.

4 de janeiro de 1905.

Logo pela manhã, encontrei um sujeito que acabou na Secretária a aborrecer-me para mandar a cópia do decreto que lhe concedia as honras de alferes do Exército, Mandel. O simpório do homem, mal papou a patente no Tesouro, meteu-se numa farda de linho branco e agalado e não cessa de ir e vir de sua residência para o lugar em que trabalha.

Val mais barboso, mais inflamado. As vezes olha em redor desconfiado. Há nessa inspeção desconfiança e orgulho. Dizconfia de que os outros militares não o debauchem e orgulho porque se distingue dos restantes elvís.

O pobre homem ventia o que todos nós sentimos; a necessidade de lustre. Em nossa vida complicada o lustre é tudo e uma atmosfera de lustre é como um ambiente de carícias. — carícias de que tanto mais precisamos quanto a nossa existência é falta de outras satisfações...

6 de janeiro de 1905.  
 Três horas da tarde. O sol começa a aparecer. Espreita por entre as nuvens. De entre as matas das encostas altas erguem-se fiapos de nuvens. Parece que pelas matas há uma enormidade de caieiras de carvão. Os fiapos saem como nvoles de fumaça. O verde varia de matiz. Onde matao grosso é escuro, onde ralo ou campina — claro. Passa de um para outro matiz bruscamente.

**MANQUEIRA**  
 A montanha é alta. O verde vai esmorecendo e para cima há cambiantes azulados. O sol não se através as nuvens na altura da Tijuca. Há múltiplos matizes confundidos.

**CENTRAL**  
 O sol mais forte. As nuvens franjaram-se de ouro. Como doidas correm para as bandas de Petrópolis.

7 de janeiro de 1905.  
 A manhã bonita. Drego. Tudo azul. A paisagem é de algum modo europeia.

**PRAIA FORMOSA**  
 A Serra dos Orgãos aparece por entre os morros; de São Diego e os do Bairro Vermelho, azul ferrete com tons de aço novo. O mar aparece espelhento, dando a ilusão de ter nível mais alto que o da terra.

**CAMPO DE SANTANA**  
 Ar polvilhado de alegria. Azul diáfano. Tudo azul. As árvores verdegasas do parque desfilam. O rolur das coisas é azul. Os bondes azues, as casas azues, tudo azul...

22 de janeiro de 1905.  
 Vele-me à Idéia ou antes, registo aqui a Idéia que me está perseguindo: — Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de Germinal negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso como os do tempo da escravidão. Como exija essa pesquisa e variedade de impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra prima ideal, adió-lo-ei para mais tarde.

Temo muito por em papel impresso minha literatura.

Essas Idéias que me perseguem de pintar e fazer a vida eterna com os processos modernos de romance e o grande amor que me inspira — pude-ral — a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos disabores, decomposturas que não sei se poderei me por acima delas. Entim — "Uma grande vie est une pensée de la jeunesse réaliste par l'age mar" — mas até lá, meu Deus! que de amarguras! que de decepções!

Ah! se alcanço essa Idéia! Que glória também enorme, ex-

traordinária e... quem sabe? — de fama europeia!

Dirão que é o negrismo; que é um novo indianismo e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu deafavor; e eu pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debrado? Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei à minha gente e à parte da raça a que pertencerei?... Partarei; e seguirei avante.

Alta játa está!  
 Se eu conseguir ler esta nota daqui a 20 anos, satisfeito, terei orgulho de viver.  
 Deus me ajude!

31 de janeiro de 1905.  
 Último dia do mês em que com certa regularidade venho tomando notas (cariças do minha vida que quero grande, nobre, plena de força e de elevação).

É um modo do meu bovarismo e para realiza-lo sobre a critica e tenho alguma energia. Leva-la-ei ao fim, movido por esse ideal interessado e se as circunstâncias exteriores não me forem adversas tenho em mim que cumpriri.

Ontem, saindo da Secretaria.



Outro traço de Lima Barreto

fui à rua do Ouvidor. Estive com alguns idiotas. A rua estava bonita, humbada, semi-nublada. Era como um Boulevard de Paris visto em fotografia.

Fui de trem e meditei durante a viagem, sobre o meu livro.

Em casa compulsei as notas para acabar o terceiro capítulo.

Agora, acabo de achar uma pequena cena para o segundo, com a qual lhe darei mais força, mais vida, mais verossimilhança.

## Aventuras do Dr. Bogoleff

Publicação 5-manal (de terças-feiras)

Original de LIMA BARRETO

Episódios da vida de um peço-revolucionario russo

NARRATIVAS HUMORISTICAS

Edição de A. REIS & C.  
 RUA DO ROSARIO N. 59 — SOB.  
 TELEFONE N. 201  
 RIO DE JANEIRO

PREÇO: Capital: 200 réis  
 Estados: 300 réis

Fasciculo I

Página de rosto das "Aventuras do Dr. Bogoleff" com uma ilustração humorística que Lima Barreto ia publicando semanalmente. Parece terem saído apenas dois números.



O banho de Lima Barreto no cemitério de São João Batista. — O banho de Lima Barreto foi sepultado em 2 de novembro de 1922 no cemitério número 8.024, quadra 14, dentro do necrópole. Em julho de 1933, no Conselho Municipal, o intendente Dormundo Martins ofereceu um projeto aos seus pares, mandando que a Prefeitura adosse via terreno no cemitério de Iguetinha, para nele ser erigido um monumento ao trancauto. Parece ter sido esse episódio — o da entrega do intendente Dormundo Martins — que ocasionou essa outra confusão, que se tem prolongado até hoje — a que de vez em quando renova mais a vida, e segundo a qual Lima Barreto estaria enterrado não no campo santo de São João Batista, porém em alguma campo-santo de subúrbia.



Traço de Lima Barreto (sem nome de autor).















